

TEMA DA CRIAÇÃO

“... e as trevas cobriam a face do abismo...” (Gênesis 1,2)

No princípio as coisas queriam ser.
E lançaram um clamor exigente substanciado na força infinita
de seu não-ser.

Infinitamente clamoroso, portanto.

Buscavam sair da vastidão angustiante do impensável.

Não foi em vão.

Fizeram-se ouvir.

Foi quando o dono absoluto do ser disse: “Faça-se”.

Aí aconteceu o prodigioso.

Uniram-se dois infinitos.

Nada e Ser.

Um para negar o outro.

Aí começou a haver o ser nas coisas.

Começou a haver o querer-ser dessas coisas.

E foi aí que também começou o clamor originado pelo ansioso
querer-ser dessas mesmas coisas.

E começou o “começou”.

Foi no princípio.

*

No princípio, quando as coisas eram apenas o antes daquilo
que viriam a ser, tiveram por tomar uma suprema decisão:

— ou continuar a ser o não-ser que já eram.

Haveriam por pai, sim as coisas teriam um pai, o nada.

E, por morada, as trevas do aniquilamento.

— ou...

A outra alternativa nem é preciso formular.

Já contém em si a decisão.

Só aí domina a positividade.

Só aí as coisas são elas mesmas pela verdadeira paternidade.

Não o não-pai, como o nada.

Sim o Pai Único, com letra maiúscula.

O nada só do nada é capaz.

O tudo surge como idéia do Pai.

Insinuação do querer-ser das coisas em seu não-ser clamoroso ?

Ardor deste Pai por preencher as lacunas que a negatividade infinita deixara fora dEle ?

Mas o "fora de si" do Pai só há porque Ele o quer e permite.

Eis por que é possível nEle a idéia das coisas e as próprias coisas como algo fora.

Estas seriam o dentro do Pai fora dEle mesmo.

*

E houve o céu e a terra.

Tudo.

Houve a luz.

Tarde e manhã.

O firmamento com sua fulgurância infinda.

A vida.

Árvores e animais.

Tudo e tudo.

Provas de que o Pai é capaz de afrontar o nada e de caminhar desenvoltamente através dele.

Um pouco mais.

Infinitamente mais.

Houve o homem.

Com ele houve a história.

O Pai é também capaz de dar Ele próprio um passo, o homem é este passo e o homem-Cristo seu protótipo, no desenrolar recém-iniciado da finitude e inserir-se nele, desvendando o mistério de outro infinito: o infinitamente pequeno.

Fez o homem e fez-se juntamente com ele.

As trevas dissiparam-se e o abismo foi afastado.

*

Houve as coisas.
 Houve e haverá o homem.
 Há o Pai.

*

As coisas.
 As coisas chamam aquele que lhes deu o ser por um nome.
 Todas o sabem pois desconhecê-lo significar-lhes-ia o aniqui-
 lamento.

É fácil descobrir o nome do Pai nas coisas.
 É sempre o mesmo em toda parte.
 Através dele elas também se intercomunicam.
 Comunicar-se com o Pai através das coisas.
 Está como que plastificado em suas fisionomias.
 É a sua lei.
 Pois "pai" é aquele que dá o ser, faz nascer.
 Ora, o que faz as coisas serem é o seu nascer do Pai, a sua
 natureza.

Este é o seu nome como um sinal de gratidão.
 Pois "os céus e a terra cantam a Sua glória".

*

O homem.
 O homem, a partir de quando deixou de ser apenas o húmus, a
 terra, emancipou-se das coisas e assenhoriou-se.
 O Pai deu-lhe algo mais: seu sopro que é o seu espírito.
 Deste modo nasceu também para domínio.
 Também para criar.
 Para seguir uma inspiração.
 Para a liberdade.
 Criará o ser ou o nada ?
 As trevas ou a luz ?
 Voltará o abismo ?

No princípio, quando recebeu o governo do mundo, o homem
 começou a fabricar a história.

Passou a usar das coisas.

Eram boas.

Possuíam seu ser próprio, ganho de um fabricante exímio.

Governar é ver, conservar e levar para um determinado fim.

O Pai fez o mundo.

Foi um ato de governo.

É reconhecer.

Ter olhos perspicazes para reconhecer.

O Pai se reconhece nas coisas.

Sua imagem.

O nome do Pai ficou espalhado nas coisas.

Podia ser ouvido com muita harmonia.

E era gritante no homem.

Neste havia o espírito.

Há maior força que a do espírito ?

Mas o homem negligenciou.

Era livre, pois.

Passou a não ver, a não ouvir, a não reconhecer.

Passou a querer trocar aquele nome por tudo espalhado.

Queria esquecê-lo quando ouvia-o gritantemente dentro de si e obrigava-o devido o primeiro ato de governo do mundo feito pelo Pai.

Queria dar o seu e vê-lo ecoado até o último astro.

Foi quando quis ser a primeira razão das coisas.

Porque quis.

E as trevas voltaram a cobrir a face de um novo abismo.

Foi o primeiro passo falso da história.

A partir daí o homem começou a refabricar o mundo.

Era necessário demonstrar seu novo domínio, dado a si por si mesmo.

Não foi, contudo, original.

Não o podia.

O mundo já estava aí e ele nele.

Um novo mundo só seria imitação.

Significaria substituir cada peça do mundo por uma outra claudicante.

E o homem começou a refigurar as coisas segundo suas idéias.
 Foi confiante.
 Nada o impedia.
 Julgou poder criar.
 Incontestável.
 Mas julgou poder criar sem o Pai.
 Isto é, produzir tudo em vista de si mesmo.
 Para bradar em alta voz: "EU !".
 E seu "eu" ribombasse em todo o universo.
 Neste momento as coisas deviam desaparecer, pois o seu querer profundo o homem negou, dando razão à volta ao nada.

É que o Pai permaneceu.
 Permaneceu porque deu a liberdade e aceitou seu jogo.
 Não podia lamentar-se.

Liberdade: quando, em muitas possibilidades, pode-se conduzir por qualquer uma delas.

E se, junto à liberdade, há a capacidade de criar, as possibilidades se multiplicam.

O homem, como criador, escolheu a mais arriscada.

A de criar o nada.

Uma nova espécie de nada.

O nada como rejeição do todo.

Do todo do Pai.

Muitos chamaram este nada de dor.

De fato, a dor foi uma peça muito mal colocada no novo mundo do homem.

Mas este não podia dar melhor.

Outros o chamaram de mal.

Por isso a paternidade que o homem passou a ter é deformante.

Há até quem o chame de pecado.

Eis por que o homem se desequilibrou em si mesmo e deixou de responder como uma unidade.

Tal unidade só subsistiu até o ato pelo qual o homem buscou criar o nada.

Daí passou a haver os vários tipos de homens.

Homens grandes, todos passaram a ser para si mesmos.

E pequenos.
 E outras variedades.
 Os inimigos.
 Os incompatíveis.
 Os irreconciliáveis.
 Os desclassificados.
 Para exemplos.
 O homem separou o homem.
 E procurava bradar sempre mais alto o seu "eu" para não o ver

dividido.

Fê-lo pela dominação.
 As coisas eram o que mais lhe estava à mão.
 Procurou insuflar-lhes novo ato criador.
 De fato, caminhou bastante.
 Criou a técnica.
 Chega a impressionar.
 A escrita.
 A bússola.
 A engenharia.
 A arte.
 A eletricidade.
 As comunicações.
 A aeronáutica.
 A cibernética.
 Campo deixado pelo Pai ao livre curso da criação humana.
 Contudo, as coisas permaneciam fiéis ao nome desde o início

cravado em si mesmas.

Não podiam satisfazer àquela ânsia egocêntrica.
 Nelas o Pai permanecia.
 Esperando.

O homem buscou mesmo ir até os astros, donde, avistando o universo em mais distante, bradar fortíssimo: "EU !".

Não alcançou eco.
 Seu novo domínio só o instaurara dentro de si.
 Foi o fechamento.

O homem julgou poder realizar seu supremo desejo buscando plasmar a si mesmo.

Total liberdade ?
 Mas o homem ao tentar criar o homem fez um robô.
 Para criar a si mesmo deveria reverter ao estado inicial de seu
 não-ser.

Abrir porta ao impossível.
 A permanência do homem em si mesmo era também a permanência do Pai que continuava nele esperando.
 Esperando o findar de sua loucura.

*

O Pai.
 O Pai, quase ninguém o chama assim.
 Seria o mais natural.
 A maioria o chama de Deus.
 Muitos mesmo não o sabem chamar, mas desconhecendo-o, o
 conhecem.

Já outros, em o conhecendo, o desconhecem.
 Quantos pretendem viver sem Ele !
 Tais vicissitudes devem-se àquela loucura do homem.

No princípio em que o homem buscou criar o nada, o Pai se propôs salvar a história.

A loucura humana exasperava-o.
 Ultrajava o seu direito primeiro do ser.
 No entanto, permitiu-a.
 Então só outra loucura poderia rechaçá-la: a de assumi-la.
 E começou por justificar o homem.

Mas este já não o aceitaria.
 Tornara-se-lhe um desconhecido.
 Primeiro o Pai se revelou.
 Era necessário reconquistar o homem aos poucos.
 Houve um povo a quem se fez conhecer mais de perto de
 início.

Este o chama ora Javé, ora Eloim.
 Quer dizer o Deus criador.
 Do destino humano.
 Da salvação.

A quem se devia um culto.
Dependia do aspecto em que era favorável.
Mas o homem continuava num abismo, pois se endeusara.
Só em amor supremo o Pai poderia afastá-lo.

E houve Cristo.

Com Cristo o Pai reabilitou a história dos homens e fê-la sua.
Houve mesmo um povo que passou a chamar o Pai de Pai de maneira especial.

Porque se considerou um filho infinitamente regenerado.

A partir daí o homem pôde construir o mundo e a história sem querer fazê-lo apenas para si mesmo.

Passou a conhecer muito bem o Pai.

*

A história.

No princípio em que o Pai se trocou pelo homem e se fez juntamente com ele, passou a assumir a história dos homens.

Assumiu-lhes o destino e as vicissitudes por eles criadas.

Assumiu-lhes também a técnica.

Quando o homem conseguiu ir à lua, nele foi o Cristo para dizer do Pai.

E as coisas criadas dos homens passaram a poder receber também o nome do Pai.

Cabia a eles dar-lhes.

Eram coisa sua.

Dar-lhes seria reconstituir o Pai.

Em se darem, reconstituíriam em si o Pai.

Pois a loucura lhes fora transformada.

E as trevas se lhes afastaram.

Apenas, depois que os homens se dividiram, cada um passou a assumir seu próprio destino.

A liberdade permanecera.

E, com ela, a possibilidade de recriar as trevas.

Porém, circunscrita ao limitado âmbito de cada um.

Pois o Pai, em Sua infinita positividade, negara no sempre, pela humanidade de Cristo, a infinita negatividade.

... e as trevas não mais cobrirão a face do abismo.

Tarcísio Moura